

# E TU, PERCEBES O QUE ELES DIZEM? – VARIAÇÃO DIASTRÁTICA DO PORTUGUÊS EUROPEU EM ECONOMIA

Maria Francisca Silva (\*)

up201508054@letras.up.pt

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)*

Tiago Marques (\*\*)

up201006239@letras.up.pt

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)*

RESUMO. No primeiro ano do curso de Ciências da Linguagem, desenvolvemos um trabalho de grupo no âmbito da Unidade Curricular Métodos e Técnicas de Pesquisa. O nosso trabalho foca-se na variação diastrática do Português Europeu na área de Economia, em que procuramos investigar a compreensão dos estudantes universitários face à informação que lhes é transmitida pelos *media*. Neste artigo procuramos identificar os equívocos mais comuns e estabelecer um paralelismo com o papel dos *media* na conceção destas definições erradas.

PALAVRAS-CHAVE. Variação diastrática, Economia, Media, Definição

ABSTRACT. This paper presents a study prepared through the “Research Methods and Techniques” course of the first year of the Language Sciences degree. Our work is based on the diastratic variation of European Portuguese in the Economics area. Our goal was to investigate how university students interpret economics-related information provided by the media. Here we aim to identify the most common misconceptions and establish the role of the media in creating these misinterpretations.

KEY-WORDS. Diastratic variation, Economics, Media, Definition

## 1 - *Introdução*

A comunicação social tem vindo a estabelecer-se como o veículo principal de transmissão de informação. O papel que desempenha na sociedade atual é frequentemente destacado, tanto

---

\* 1.º ano da Licenciatura em Ciências da Linguagem, variante Linguística.

\*\* 1.º ano da Licenciatura em Ciências da Linguagem, variante Linguística.

pela sua utilidade, como pela ocasional imprecisão. Num mundo em que os *media* dominam a quantidade e qualidade da informação disponível ao público em geral, é necessário verificar a eficácia da transmissão. A área de Economia sofre particularmente deste problema. Os conceitos utilizados e frequentemente transmitidos pelos *media* são raramente explicados. Para um público leigo neste tema, muitas vezes os conceitos são mal interpretados e criam concepções erradas. Este tema despertou-nos a atenção devido à complexidade inerente do socioleto, que contém variados conceitos impercetíveis para quem não é da área e entra em contacto com eles. Pelo facto de o contacto ser tão regular e diário, através de jornais, programas de televisão, entre outros, decidimos dar início a este estudo.

## 2 - *Estrutura*

Para a realização do estudo, julgámos pertinente o uso de um questionário apresentado à comunidade estudantil da Universidade do Porto. Este processo envolveu a recolha de conceitos comuns no discurso mediático e a interpretação das definições realizadas pelo público. Este processo teve como base a comparação entre as opiniões dos inquiridos e as definições presentes em dicionários da área.

### 2.1 - *Materiais*

Ao longo do trabalho, concentramo-nos somente na análise do discurso escrito, pois é uma variação socioprofissional muito específica e com escassez de estudos acerca do assunto. Deste modo, tivemos como base dois jornais, sendo que um, o *Público*, é direcionado a um número mais abrangente de pessoas, e o outro, o *Diário Económico*, está mais focalizado no setor da Economia. Elegemos também três dicionários para nos auxiliarem na definição dos conceitos: o *Dicionário Económico e Social*, da editora Livros Horizonte (Gélédan, Alain 1988), o *Dicionário de Economia*, das Publicações *Dom Quixote* (Cotta, Alain 1992) e o *Dicionário de Termos Económicos e Financeiros* (Nunes, Aquiles Ferraz 2008).

### 2.2 - *Definições utilizadas*

Na recolha dos conceitos a utilizar tivemos cuidado com algumas normas que considerámos essenciais:

- a) O conceito é de uso frequente no discurso mediático.
- b) O conceito está presente nos dicionários da área.
- c) Quando usado no discurso mediático, o conceito não é explicado.

d) O conceito é de uso frequente no discurso popular e, por vezes, mal empregue.

Seguindo estes pressupostos, retiramos de ambos os jornais cinco conceitos que consideramos pertinentes para o estudo. Apresentamo-los de seguida, emparelhados com as respetivas definições:

(1) **Dívida Pública:** “Conjunto das somas tomadas de empréstimos pelo Estado a terceiros: particulares, bancos, nacionais ou estrangeiros.” (Cotta 1991)

“PSD e CDS defendem (...) que é preciso (...) rejeitar propostas de reestruturação unilateral das **dívidas públicas** nacionais dos Estados-membro da União Europeia.”

(Diário Económico 2015)

(2) **Taxa de Juros:** “Rendimento proveniente de um empréstimo monetário, bancário ou não.” (Brémond 1988)

“Já em relação à Reserva Federal norte-americana, é elevada a probabilidade atribuída a um primeiro movimento de subida da **taxa de juros** fed funds (...) sendo assim evidente a divergência das expectativas para a condução da política monetária nas duas áreas económicas.”

(Público 2015)

(3) **Rating:** “A nota dada ao banco ou ao emissor do papel apresenta em que nível de risco a empresa [avaliadora] o qualifica.” (Nunes 2008)

Nível de Risco: “Possibilidade de perda numa operação financeira ou comercial.”

(Nunes 2008)

“Manutenção do **rating** poderá conduzir a descida nos juros da dívida portuguesa”

(Público 2015)

(4) **Inflação:** “A alta do nível geral dos preços (e não a alta do preço de alguns produtos). Um fenómeno auto-sustentado de subida dos preços e não um fenómeno isolado e acidental.” (Brémond 1988)

“Presidente do BCE diz que a normalização da **inflação** pode demorar mais tempo do que pensavam em março.”

(Diário Económico 2015)

(5) **Capital:** “(...) conjunto de bens materiais que permite criar novos bens dotados de utilidade.” (Brémond 1988)

“Totalidade das riquezas à disposição de uma unidade económica: dinheiro, utensílios, matérias primas, direitos de crédito, etc.” (Cotta 1991)

“Uma das questões mais importantes é estimular as empresas para reforçarem os seus **capitais**.”

(Diário Económico 2015)

### 2.3 - *Formato do questionário*

Na elaboração do questionário a apresentar, procuramos utilizar perguntas simples e objetivas. O nosso objetivo era obter respostas não-condicionadas dos inquiridos, pelo que usámos o formato de resposta aberta.

As perguntas colocadas foram as seguintes:

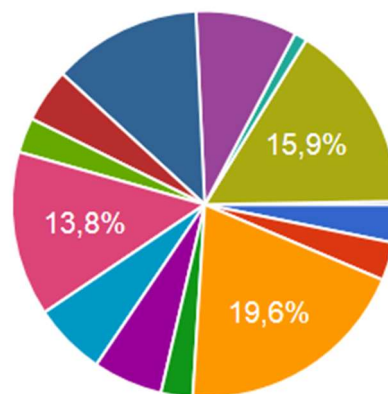
- (1) O que entende por Dívida Pública?
- (2) O que considera ser uma Taxa de Juros?
- (3) O que entende por *Rating* no contexto de Economia?
- (4) O que entende por Inflação?
- (5) O que interpreta por Capital, no contexto de Economia?

### 3 - *Análise de Resultados*

O inquérito foi enviado para um público-alvo constituído pela totalidade dos alunos inscritos em graus de licenciatura ou mestrado das faculdades pertencentes à Universidade do Porto.

GRÁFICO 1. Distribuição das respostas dos inquiridos por faculdade

|   |    |       |
|---|----|-------|
| Faculdade de Arquitetura                          | 12 | 3.2%  |
| Faculdade de Belas Artes                          | 12 | 3.2%  |
| Faculdade de Ciências                             | 74 | 19.6% |
| Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação   | 10 | 2.7%  |
| Faculdade de Desporto                             | 22 | 5.8%  |
| Faculdade de Direito                              | 23 | 6.1%  |
| Faculdade de Economia                             | 52 | 13.8% |
| Faculdade de Engenharia                           | 11 | 2.9%  |
| Faculdade de Farmácia                             | 17 | 4.5%  |
| Faculdade de Letras                               | 47 | 12.5% |
| Faculdade de Medicina                             | 32 | 8.5%  |
| Faculdade de Medicina Dentária                    | 4  | 1.1%  |
| Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação | 60 | 15.9% |
| Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar     | 1  | 0.3%  |



Dado o expectável superior grau de literacia dos alunos da Faculdade de Economia no que toca ao assunto abordado, bem como o elevado número de respostas provenientes dessa faculdade, decidimos analisar estes dados separadamente das restantes faculdades. Nos gráficos seguidamente apresentados, tripartimos as respostas nas seguintes categorias: Sabe; Errou; Não Sabe.

- a) Sabe: a resposta enquadra-se na definição presente nos dicionários, ou refere palavras-chave cruciais.
- b) Errou: a resposta não se enquadra na definição presente nos dicionários e/ou não refere palavras-chave cruciais.
- c) Não sabe: o inquirido assume o desconhecimento da definição pedida.

### 3.1 - Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEP)

GRÁFICO 2. Resultados da FEP à pergunta sobre “Dívida Pública”

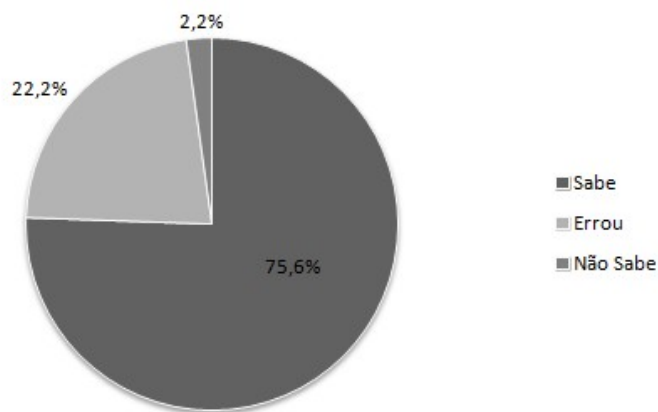


GRÁFICO 3. Resultados da FEP à pergunta sobre “Taxa de Juros”

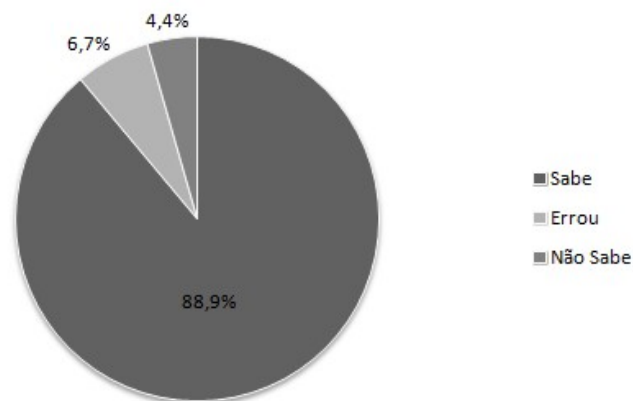


GRÁFICO 4. Resultados da FEP à pergunta sobre “Rating”

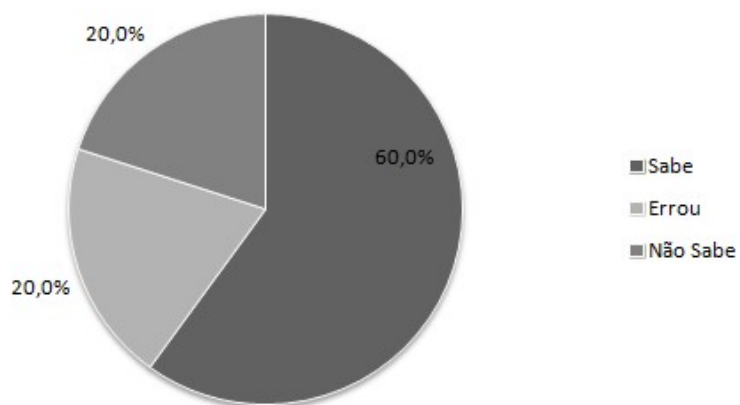


GRÁFICO 5. Resultados da FEP à pergunta sobre “Inflação”

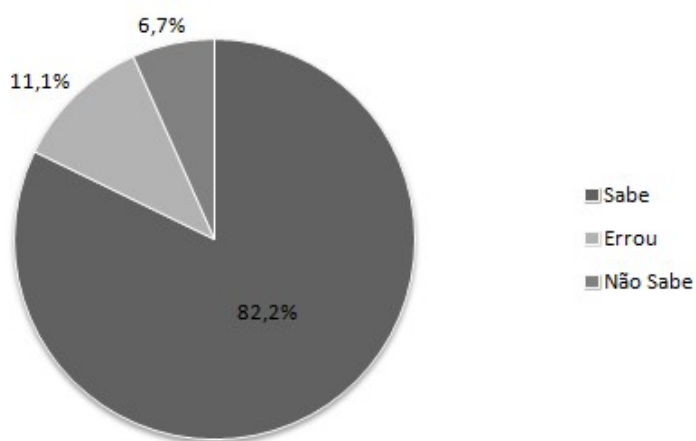
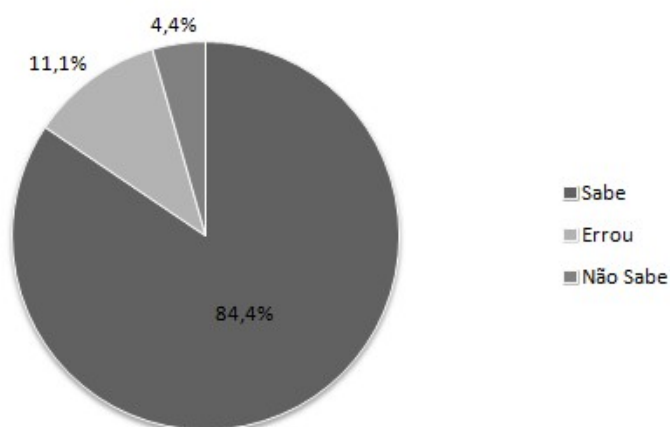


GRÁFICO 6. Resultados da FEP à pergunta sobre “Capital”



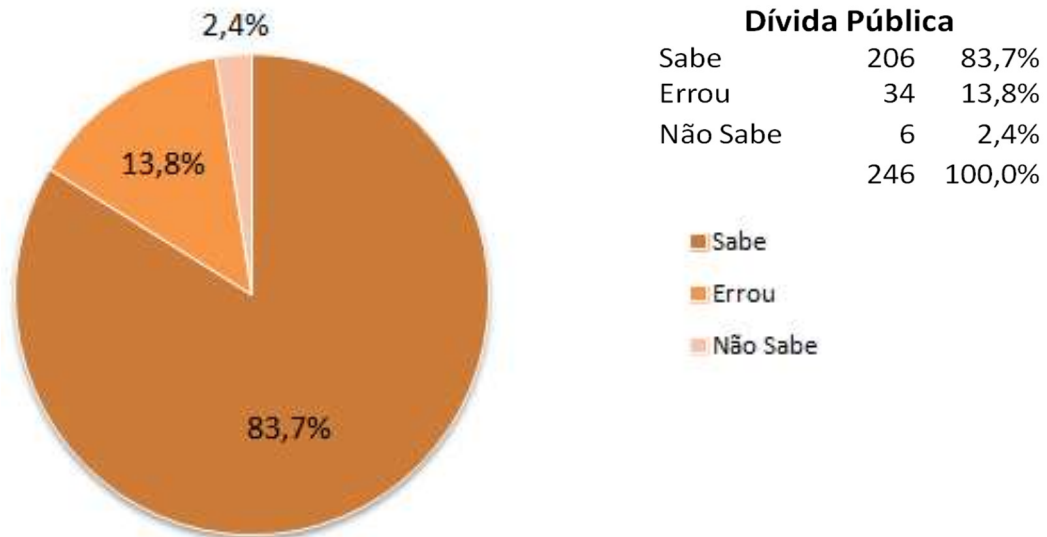
Os resultados aqui apresentados assemelham-se em grande parte aos das restantes faculdades, embora com uma maior percentagem de respostas corretas. É possível confirmar que

os estudantes de Economia reconhecem com mais facilidade estes conceitos, pois estão familiarizados com os mesmos.

### 3.2 - Restantes Faculdades

#### 3.2.1 - Dívida Pública

GRÁFICO 7. Resultados à pergunta sobre “Capital”



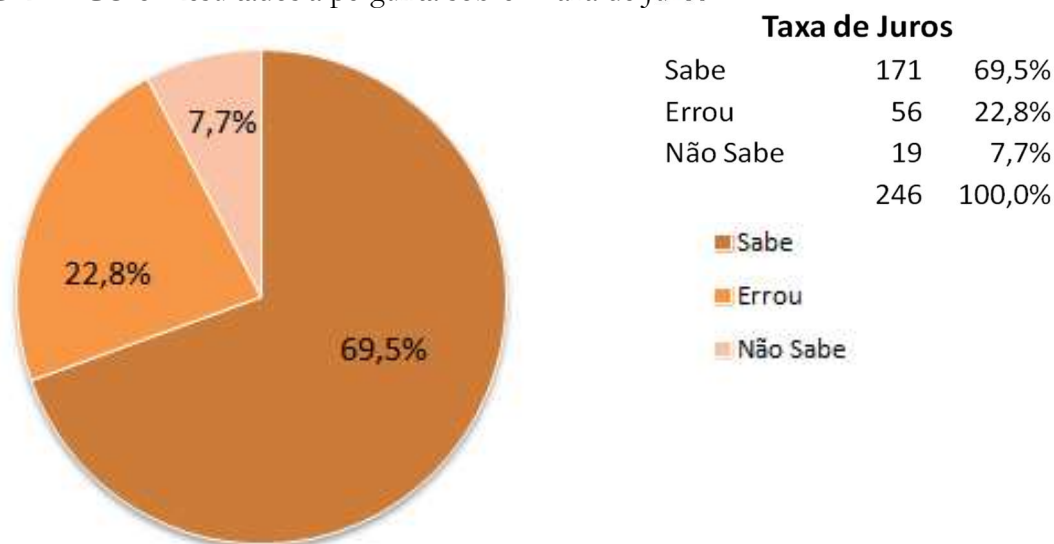
Para o conceito de dívida pública, as respostas mais comuns dos inquiridos incidiram sobre o Estado, o governo, e o “dinheiro que o país deve”. Foi notória também a quantidade de respostas com conotação negativa, o que revela que os inquiridos associam “dívida” a algo nefasto para o país.

IMAGEM 1. Mancha de Palavras referente à “Dívida Pública” (o tamanho da fonte é proporcional à frequência de ocorrência da palavra nas respostas dos inquiridos)



### 3.2.2 - Taxa de Juros

GRÁFICO 8. Resultados à pergunta sobre “Taxa de Juros”



Um dos conceitos mais ilustrativos dos equívocos já incrustados na mente dos portugueses, “taxa de juros” proporcionou-nos respostas bastante díspares no grau de precisão. Um dos fenómenos interessantes para abordar é a confusão verificada entre “taxa de juro”, “juros de mora” e “IVA” (imposto sobre o valor acrescentado). Esta ideia mal formada é explicada pela natureza percentual de cada um destes conceitos, mas reflete o problema comunicativo subjacente.

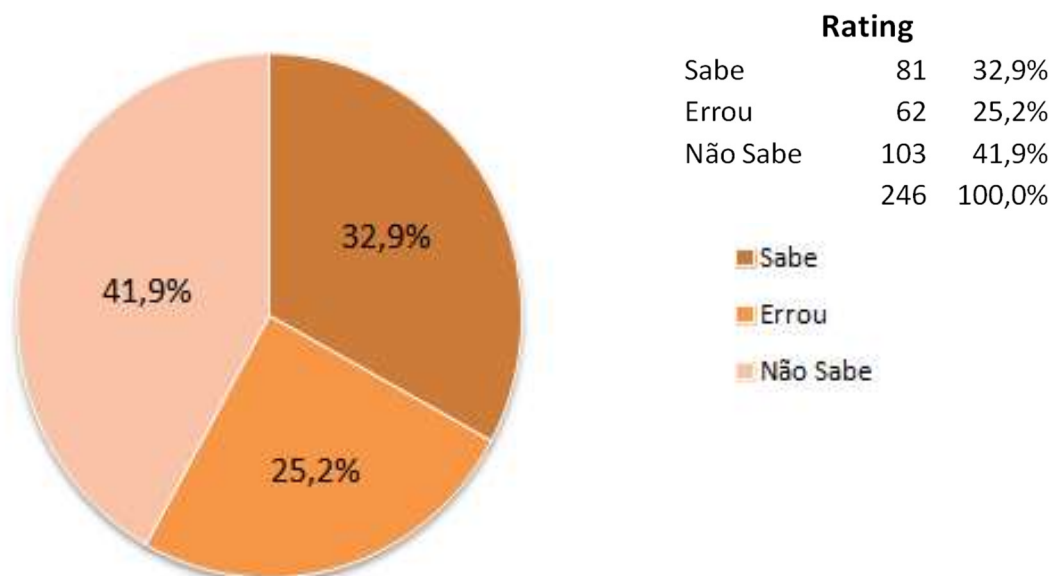
IMAGEM 2. Mancha de Palavras referentes a “Taxa de Juros”





### 3.2.3 - Rating

GRÁFICO 9. Resultados à pergunta “Rating”



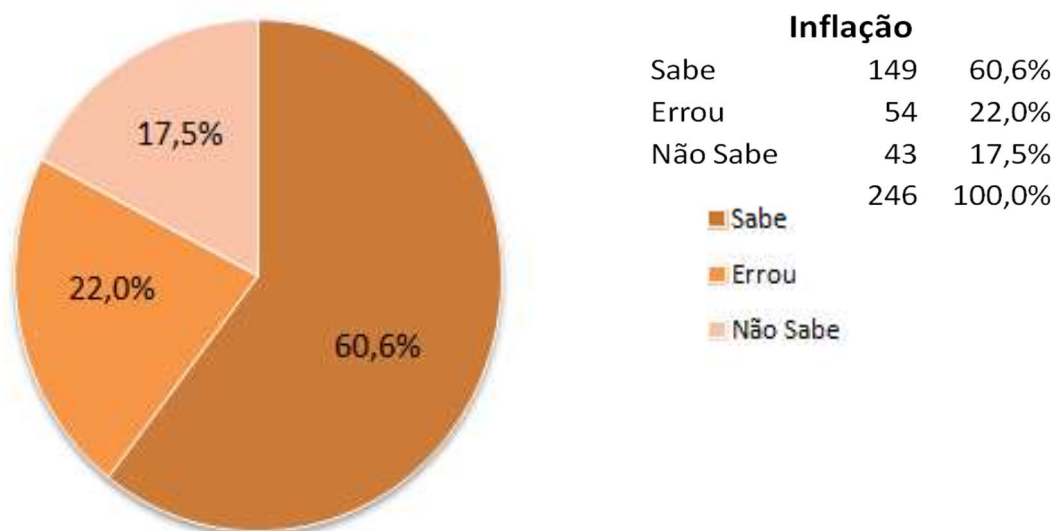
De longe o mais polémico dos cinco, “rating” foi encarado por grande parte dos inquiridos como uma “palavra que ouço bastante mas não sei o que significa”. A tradução direta do estrangeirismo para o português foi a palavra mais utilizada nas respostas. No entanto, verificámos que foram poucas as menções a “risco” e “investimento”, duas das palavras-chave que esperávamos encontrar.

IMAGEM 3. Mancha de Palavras referente ao “Rating”



### 3.2.4 - Inflação

GRÁFICO 10. Resultados à pergunta acerca da “Inflação”



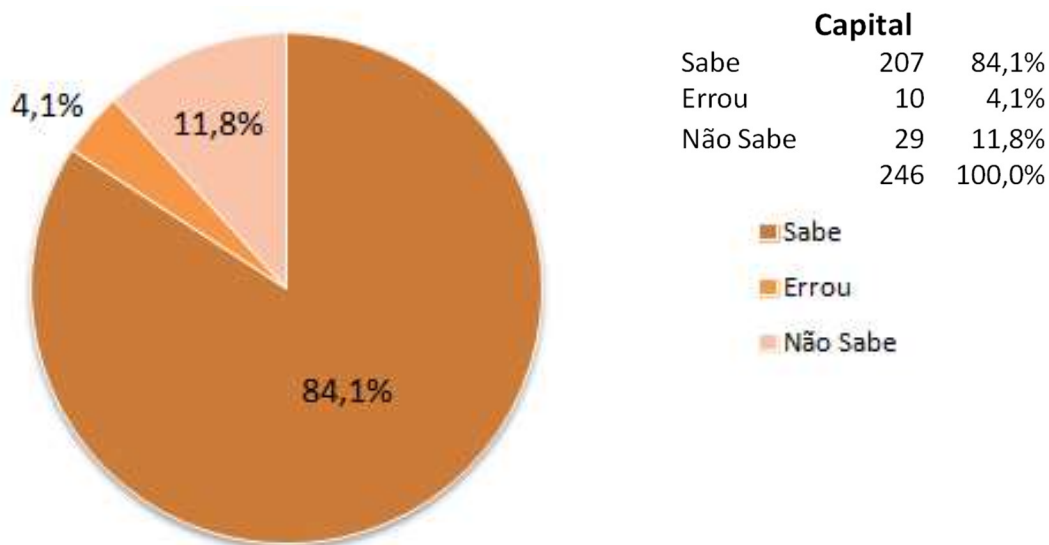
Nas respostas a esta definição encontramos um outro grave mal-entendido. Embora “inflação” seja definida como a subida expectável e generalizada dos preços, muitas das respostas referiam apenas a subida de preços individuais. Mais ainda, declarações de conotação claramente negativa surgiram, tais como: “é quando eles sobem os preços mas não os salários” ou “discrepância entre preço real e preço utilizado”. De notar, por último, a confusão entre o nome “inflação” e o adjetivo “inflacionado” que, embora com diferentes significados, são usados pelos inquiridos para se referirem à mesma situação: preços exacerbados ou incontroláveis.

IMAGEM 4. Mancha de palavras referente à “Inflação”



### 3.2.5 - Capital

GRÁFICO 11. Resultados à pergunta do “Capital”



Por último, o conceito de “capital” foi o de mais fácil definição pelos inquiridos. As referências a “dinheiro” são inúmeras, mas também encontramos algumas ocorrências de “bens” ou “produção”, ambas palavras-chave que esperávamos encontrar.

IMAGEM 5. Mancha de Palavras referente ao “Capital”

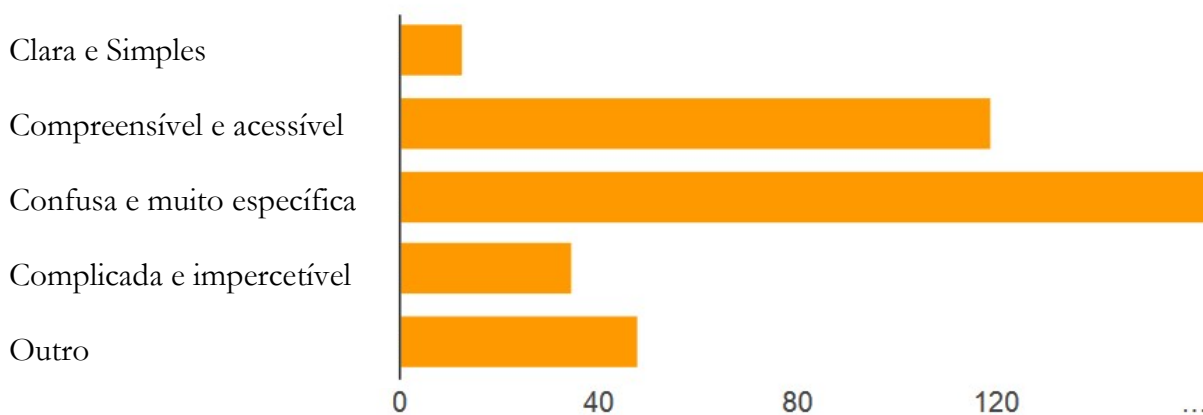


### 3.3 - Perceção geral da complexidade de informação

Por fim, colocamos a seguinte pergunta no questionário: “Como considera que a informação é fornecida pelos *Media* ao público-geral?”, à qual 163 pessoas responderam que a

informação que é passada é confusa e muito específica e 35 consideram-na complicada e impercetível. Através do gráfico 12, confirma-se que os estudantes também sentem que o que é transmitido é, por vezes, desadequado e difícil.

GRÁFICO 12. Respostas à pergunta acerca da informação transmitida pelos *Media*



#### 4 - Conclusão

Com base nos resultados obtidos, podemos dizer com confiança que, embora a maioria dos estudantes universitários compreendam o significado dos conceitos abordados pelos *media*, existe ainda uma percentagem significativa de concepções erradas. Estes mal-entendidos são fruto da fraca clareza da exposição escrita dos meios de comunicação, que tendem a um discurso sensacionalista e pouco exato.

Muitos dos equívocos identificados têm por base confusões ao nível semântico, principalmente com conceitos que abordam temas semelhantes. Isto é visível na confusão <Taxa de juros / IVA / Juros de mora> em que o tema principal é “percentagens”. Um outro caso é o do erro comum <inflação/inflacionado>. Aqui o problema é a disparidade semântica verificada em palavras derivadas. O público assume que, como “inflacionado” é derivado de “inflação”, os significados serão idênticos, o que não é verdade.

Ainda, a introdução exagerada de estrangeirismos provoca também concepções erradas, dado que muitos destes são utilizados no discurso habitual sem qualquer explicação ou fundamento. O exemplo aqui usado, *rating*, provém do inglês “classificação”, mas adquire em Economia um significado bastante específico que não é transmitido ao público. Uma das consequências imediatas desta prática pode ser verificada na frase (1).

(1) [rating é] “uma classificação, mas não sei de quê.”

Por último, é de notar o uso frequente de conotações negativas quando os inquiridos se referem a “dívida” ou “estado”. Sendo prática comum da linguagem popular, é interessante verificar a presença desta qualidade nas definições que apresentam. Esta característica vem frequentemente associada a referências à vida quotidiana, como verificável nas frases seguintes:

- (2) “(...)quando compramos um produto”
- (3) “dívida (...) que todos temos que pagar”
- (4) “dinheiro que vai para o Estado”
- (5) “sobem os preços (...) mas não os salários”

Para finalizar, apresentamos uma curiosidade que encontramos ao longo do trabalho, que consiste na apresentação de várias Siglas e Acrónimos sem qualquer tipo de identificação ou definição, dificultando assim a compreensão de quem lê o texto. Algumas das Siglas e Acrónimos foram: ZEW, IDC, DBRS, BBB, BCE, ONG, CIDAC, USDA, TTIP. Mais uma vez se confirma o quão fechado e reservado é este socioleto.

## REFERÊNCIAS

- Bishop, Matthew. 2004. *Essential economics*. London: Profile Books.
- Lozano Irueste, José Maria. 1999. *Dicionário abreviado de economia*. Porto: Campo das Letras.
- Dicionário Técnico Lello. 1999. *Economia: 11 idiomas*. Porto: Lello Editores.
- Cotta, Alain. 1991. *Dicionário de economia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Bremond, Janine. 1988. *Dicionário económico e social*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Nunes, Aquiles Ferraz. 2008. *Dicionário de Termos Económicos e Financeiros*.  
<http://www.secif.org.br/imagens/glossario.pdf>, acedido em 10.12.2015.